

AMPLIAÇÕES, IDENTIDADES E NOVAS REPRESENTAÇÕES: A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE MAIORIAS MINORIZADAS

Nas últimas décadas, os subsistemas literários infantil e juvenil tiveram uma grande expansão em relação ao número de obras, autores e circulação (Ceccantini, Valente, 2014; Aguiar, Martha, 2014). Novas temáticas, formatos e estruturas consolidaram a qualidade e a quantidade de obras para crianças e jovens. Entre as expansões observadas está a ampliação das representações identitárias presentes nas produções para crianças e jovens. A voz de minorias políticas – ou das maiorias minorizadas – foi durante séculos subjugada e silenciada. Eram praticamente inexistentes representações positivas de minorias em obras infantis/juvenis. Atualmente, novas autorias garantem visibilidades para diferentes identidades, entretanto é fundamental o desenvolvimento de um trabalho crítico para triagem e análise das obras, tanto para selecionar e evidenciar obras que além de aspectos relativos à representações, possuem também qualidades artísticas e estéticas, quanto para ampliar a sua divulgação e circulação.

Embora os avanços e conquistas em relação às possibilidades de publicação de obras por autores pertencentes a maiorias minorizadas sejam inegáveis, é crucial que a pesquisa acadêmica e sua articulação com o ensino permaneçam atentas e vigilantes. A simples existência de obras literárias, especialmente aquelas que desafiam o status quo, não garante sua circulação ou leitura entre professores, estudantes e comunidades leitoras. A crítica literária e a divulgação científica possuem um papel fundamental na divulgação de autores e obras e de suas potencialidades literárias.

Além disso, obras que contestam visões hegemônicas sobre gênero, sobre relações étnico-raciais e sobre identidades costumam sofrer censura pela escola e pela sociedade. A partir de avaliações acerca da censura a obras endereçadas a crianças e jovens é de fácil verificação que obras provocativas que enfrentam diretamente preconceitos são as primeiras que têm sua leitura interdita (Ceccantini, Galvão e Valente, 2024). Os casos recentes de censura à obra de Ziraldo (*Menino Marrom*) e de Jeferson Tenório (*O avesso da pele*) comprovam tal tendência. Ambas as obras foram censuradas por comunidades escolares, e ambas as obras apresentam personagens negros que vivenciam situações de preconceito e as enfrentam a partir de suas possibilidades. Em tempos em que a defesa do óbvio se faz necessária, a pesquisa em literatura preocupada em apontar as qualidades literárias de narrativas questionadoras e que trazem diferentes autorias e construções identitárias, e dessa forma comprometidas com o combate de qualquer forma de censura é imprescindível. Este movimento identitário e estético é observado em toda a América Latina. Por isso, o dossiê inclui obras que analisam obras escritas em português e espanhol publicadas em países latino-americanos, mas com circulação ampliada.

A partir de tais premissas, o presente dossiê teve a proposta de reunir artigos oriundos de pesquisas que versassem sobre a produção de obras de Literatura Infantil e Juvenil de maiorias minorizadas, a partir das mais variadas perspectivas teóricas. Dessa forma, apresentamos uma sólida seleção de trabalhos acadêmicos, que representam um importante mapeamento sobre o impacto da representatividade das maiorias minorizadas na literatura destinada ao público infantil e juvenil.

O dossiê está organizado em três blocos temáticos. O primeiro reúne trabalhos centrados em reflexões acerca da autoria feminina e/ou representações de personagens femininas. Assim, apresentamos o artigo “Ser menina e ser selvagem: novas produções de feminilidades na literatura infantil” de Bruna Ximenes Corazza, que centra a sua atenção na análise da obra infantil *Selvagem* (2015), de Emily Hughes sobre a importância da visibilidade de representações femininas que contestam a repetição hegemônica de uma identidade pautada historicamente na ideia de domesticação da mulher. No artigo “Memorias discursivas y matrices estéticas en la literatura infantil argentina. Perspectivas en torno a la configuración de la mujer en las nuevas narrativas” a pesquisadora Carolina Tosi apresenta um panorama da produção infantil argentina, centrando sua atenção em duas obras: *La durmiente*, de María Teresa Andruetto e Istvansch, y *La bella Griselda*, de Isol, que evocam, através de diferentes memórias discursivas, representações particulares de mulheres e instalam novas matrizes estéticas. Por sua vez, o artigo “A imaginação como resistência: a vulnerabilidade social e a constituição da identidade em Anne de Green Gables” de Luana Vitória Araújo e Pedro Afonso Barth, relaciona aspectos da construção da personagem Anne com itinerários formativos das identidades femininas da

contemporaneidade. O quarto artigo da seção é “Literatura argentina para las infancias y reconfiguraciones identitarias: subjetividades disidentes en *Selene* de María Teresa Andruetto” de Natalia Elizabeth Rodríguez, que além de contemplar aspectos de representação feminina, permite analisar e refletir sobre as representações sobre pessoas com deficiências. Em seguida, temos o artigo “A (res)construção feminina nos poemas de Alice Ruiz: por uma literatura que transite (também) nas escolas” de autoria de Aline Barbosa de Almeida Cechinel, Andréia de Oliveira Alencar Iguma e Marivaldo Omena Batista que apresenta uma articulação da literatura de autoria feminina em contextos de ensino.

A segunda parte apresenta artigos que continuam a discutir as representações e a autoria feminina, mas somando uma importante interseção: a autoria negra. Assim, apresentamos o artigo “O orgulho de poder gritar “eu sou negra”: a afirmação da identidade na obra *A menina que nasceu sem cor* (2020), de Midria” de Érica Fernandes Alves e Natália Felicia Vieira, artigo que questiona e analisa formas de combater uma visão de mundo eurocêntrica que tenta apagar a subjetividade de pessoas negras. Em seguida, apresentamos o artigo “A resistência fanoniana como constructo identitário no romance juvenil *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas” de Natacha dos Santos Esteves e Geniane Diamante Ferreira, texto que analisa como a personagem Starr foi capaz usar sua voz como uma arma de revide e resistência frente ao *status quo* da branquitude. Em seguida, temos o artigo “Do tecido da ficção à “escrevivência” que costura novos olhares para a realidade: uma análise da recepção do conto “Maria” de Jussara da Conceição Soares, Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra e Diana Maria Leite Lopes Saldanha, em que é feita uma análise das reverberações da obra de Conceição Evaristo em contextos de ensino. E fechando a seção, o artigo “Todo diário é um quartinho”: uma leitura de *Carolayne*, Carolina e as histórias do diário da menina (2021)” de Julio Cesar de Araujo Cado, Ma Regina Soares A. de Andrade e Juliane Vargas Welter analisa a obra de Simone Mota e suas relações intertextuais com a obra de Carolina Maria de Jesus.

A última seção apresenta trabalhos que discutem diferentes perspectivas e aplicações em relação à autoria e representação negra. Dessa forma, temos o artigo “Produção, validação e difusão: biografias de personagens negros para as crianças” de Vivian Stefanne Soares Silva, artigo que analisa o gênero biografia e aponta as potencialidades de sua leitura. Em seguida, o artigo “A educação com pé no chão se faz com diversidade: o projeto literário de literatura afro-brasileira no chão da escola do campo” de Larissa da Silva Sousa e Fernanda Favaro Bortoletto, texto que analisa os impactos da aplicação de um projeto de literatura em uma escola do campo. Por sua vez, o artigo “Revisitando líderes negros na literatura juvenil afro-brasileira: *Palmares de Zumbi* (2019), de Leonardo Chalub” de autoria de Lucélia Canassa e Maria Carolina de Godoy, apresenta uma análise da obra citada, refletindo sobre a reescrita da história

desse líder negro destinada aos leitores jovens. No artigo “O papel da literatura infantil na formação de subjetividade e identidade de crianças pretas: uma leitura do livro amoras” de Beatriz Sousa Gomes e Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro, temos um relato sobre as potencialidades da recepção da obra de Emeilda. Em seguida, o artigo “A construção de espaços de letramento racial crítico na sala de aula: possibilidades para a educação das relações étnico-raciais” de Fabia Vaniz de Oliveira Haas e Leticia Cao Ponso, é também um estudo que investiga formas de articular obras de autoria negra em contextos de ensino, traçando abordagens para a sua recepção. Também temos o artigo “Por uma educação literária afrocentrada nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo sobre a mediação e a recepção da obra O pequeno príncipe preto” de Patricia Barros Soares Batista, pesquisa que apresenta uma prática de ensino a partir da leitura da obra de Rodrigo França. Finalizando a nossa edição apresentamos uma entrevista com o autor brasileiro Ale Santos, autor expoente em produções para jovens e nas discussões sobre afrofuturismo.

Considerando a riqueza de perspectivas críticas e estudos apresentados ao público da Revista Leia Escola [RLE] nesta edição temática, esperamos que os artigos possam contribuir e apontar caminhos para o desenvolvimento de uma crítica literária e de um ensino comprometido com a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Boa leitura!
Os organizadores

Profa. Dra. Carolina Tosi – Universidad de Buenos Aires - CONICET
Profª. Dra. Érica Fernandes Alves (UEM)
Prof. Dr. Pedro Afonso Barth (UFU)

Abril de 2024

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13557089>

Referências

AGUIAR, Vera T. de A.; MARTHA, Alice Áurea. P. (org.) **Literatura Infantil e Juvenil:** leituras plurais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CECCANTINI, João Luís, VALENTE, Thiago A. (org.) **Narrativas Juvenis:** literatura sem fronteiras. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2014.

CECCANTINI, João Luís.; GALVÃO, Eliane.; VALENTE, Thiago A. (org.) **Literatura infantil e juvenil na fogueira.** Belo Horizonte-MG: Aletria Editora, 2022.

